

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE SOBRAL

História e Memória

SOBRAL'S INDUSTRIAL HERITAGE
History and Memory

Cauê Oliveira Aguiar Sousa¹ e Telma Bessa Sales²

Resumo

Este trabalho procura refletir o tema do Patrimonial Industrial à luz do campo de conhecimento da História. Articula conceitos chaves como Memória e História, dialogando com as ideias de Pierre Nora e Jacques Le Goff buscando uma constituição da historiografia das cidades. Trata-se da cidade de Sobral no Ceará, situando as memórias, as experiências e as vivências dos trabalhadores da antiga fábrica de tecidos como parte do Patrimônio Cultural de bem Industrial. Trazendo as memórias dos trabalhadores fabris, seu maquinário e seus saberes-fazer, apresenta uma tentativa da escrita da História de Sobral em relação inseparável com as experiências da classe trabalhadora num contexto de debate com outras narrativas de obras memorialísticas produzidas pela intelectualidade eclesiástica da cidade, além de políticos e empresários da região. A metodologia do estudo busca dialogar com diversas fontes como narrativas orais, fotografias.

Palavras-chave: história, memória, patrimônio industrial.

Abstract

This work seeks to reflect the theme of Industrial Heritage in the light of the field of knowledge of History. It articulates key concepts such as Memory and History, dialoguing with the ideas of Pierre Nora and Jacques Le Goff, seeking a constitution of the historiography of cities. The city of Sobral in Ceará, situating the memories and experiences of the workers of the old textile factory as part of the Cultural Heritage of Industrial Property. Bringing the memories of the factory workers, their machinery and their know-how, it presents an attempt to write the History of Sobral in an inseparable relationship with the experiences of the working class in a context of debate with other narratives of memorialistic works produced by the city's ecclesiastical intelligentsia, as well as politicians and businessmen from the region. The study's methodology seeks to dialog with various sources such as oral narratives and photographs.

Keywords: history; memory; industrial heritage.

Introdução

O Patrimônio Industrial inscreve-se como tema de pesquisa no campo da História e tem elevado as discussões acerca dos *Mundos do Trabalho*, do Patrimônio material e imaterial, da escrita histórica e dos diversos sentidos que estão ligados aos vestígios industriais deixados pelo tempo. Na História, o Patrimônio Industrial tem se destacado por gerar problemáticas e metodologias de trabalho científico que preocupam-se com a atividade dos homens e mulheres durante o processo de revolução industrial que o Brasil tem sido palco desde o final do século XIX e, primordialmente, no século XX. Nesse estudo, há uma tentativa de pensar o Patrimônio Industrial sob a direção de dois conceitos-chave para a historiografia: História e Memória. Os autores Pierre Nora e Jacques Le Goff possuem trabalhos notáveis acerca desses conceitos e pensando-os em conjunto com o Patrimônio Industrial, a ideia é traçar caminhos para a escrita da História das cidades, especificamente, a cidade de Sobral no Norte do Ceará, através das memórias e experiências dos trabalhadores fabris. Escrever Histórias a partir do ponto de vista de pessoas desconhecidas e anônimas que ajudaram a construir a cidade e que possuem um contraponto à História oficial das cidades e das urbes.

Pensando na ampliação de análises e na riqueza de debates, além dos trabalhos históricos produzidos por memorialistas ou clérigos, esse estudo reflete e propõe uma escrita da história cada vez menos centrada em figuras influentes e/ou em mitos de origens, problematizando a relação entre História e Memória, e, reclama a posição crucial que o Patrimônio Industrial possui para a (re)construção historiográfica.

Patrimônio Industrial: uma conceituação

O tema do Patrimônio Industrial tem gerado alguns debates e reflexões acerca da cultura material e imaterial dos espaços urbanos. Essa temática começa a ser trabalhada no contexto europeu com a destruição e descaracterização dos antigos prédios industriais no pós Segunda Guerra Mundial, o que trouxe à luz a necessidade de um debate conceitual e atuante para a identificação e preservação desses espaços. No Brasil, o tema chegou nas últimas décadas do século XX, quando de fato, os estudos científicos das ciências humanas sejam da História, da Antropologia ou da Geografia passaram a preocupar-se e estudar os vestígios materiais e imateriais do processo industrial. Segundo Berenstein Azevedo

O estudo e a investigação do patrimônio industrial no Brasil iniciam-se antes da difusão da disciplina de arqueologia industrial no país, que ocorreu durante a década de 1970. Pode-se se dizer, porém, que as pesquisas e a preservação do patrimônio industrial no Brasil são ainda incipientes, e seu campo teórico, metodológico e prático para o conhecimento sobre o patrimônio industrial está ainda disperso em esforços isolados e pouco difundidos (Azevedo, 2010, p.18).

Azevedo lembra que os estudos iniciam-se na década de 1970, considerando que em 1964, o *IPHAN* tombou o conjunto formado pelos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, no município de Iperó em São Paulo, o que trouxe à luz uma curiosidade em relação a essa temática. Esse tombamento é um marco para o Patrimônio Industrial no Brasil, revelando uma preocupação inicial com os vestígios industriais, porém, esse tombamento também marcou uma espécie de tardeamento para o tombamento e o reconhecimento de espaços como sendo de origem industrial.

¹ Discente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, bolsista do Programa de Iniciação Científica financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (*FUNCAP*).

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade de São Paulo, mestra em História pela Pontifícia Universidade de São Paulo e graduada em História pela Pontifícia Universidade de São Paulo, professora ADJUNTA do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

De fato, esse tardeamento se prolongou por muitas décadas, sendo apenas em 2003 que a primeira carta patrimonial do Patrimônio Industrial foi produzida pelo *TICCIH*, criado em 1978. A demora para uma carta e um protocolo para o tombamento e a preservação do Patrimônio Industrial ocorre apesar de, na Europa, esses processos e os estudos científicos acerca dos vestígios materiais da indústria já estarem se alastrando e tomando forma. Azevedo ainda reclama a posição do Patrimônio Industrial como pertencente ao Patrimônio Cultural devido ao seu valor para o registro das vidas de homens e mulheres que trabalhavam nas indústrias.

Essa demora e o tardeamento acontecem ao tempo também que os debates acerca da conceituação do que seria Patrimônio Industrial estão em ebulição em diversos campos do conhecimento, gerando discussões fervorosas e conceitos os mais variados.

Cristina Meneguello apresenta o conceito de Patrimônio Industrial pensando três linhas de argumentos para uma conclusão conceitual: o que concerne à memória, aos bens materiais e à dimensão arquitetural dos antigos prédios. À memória, afirma:

é importante considerar a dimensão da preservação da memória do trabalho e dos trabalhadores, incluso o conhecimento de técnicas e rotinas de produção, de organização e de sociabilidade, dentro e fora do espaço de produção. A indelével associação entre os espaços de trabalho e as memórias dos trabalhadores incide também na dimensão imaterial da experiência industrial (os saberes, as rotinas de trabalho, as práticas cotidianas), também em veloz processo de desaparecimento (Meneguello, 2011, p.1819).

Ao que concerne aos bens materiais, Meneguello remete-se

aos acervos ligados ao patrimônio industrial, sejam os documentais, sejam os que incluem maquinário, ferramentas, peças de reposição, instrumentos de precisão, manuais e revistas técnicas especializadas, estendendo-se até acervos artísticos que representam a atividade industrial a partir de fins do século XIX (quadros sobre a presença da indústria nos arrabaldes das cidades ou vitrais e painéis presentes nos próprios edifícios fabris de administração) (Meneguello, 2011, p.1820).

E, por fim, àquilo que interessa à dimensão arquitetural, Meneguello aborda aos

bens edificadas como a prova mais evidente e sensória da importância da indústria em dados períodos históricos. O desmantelamento de edifícios e galpões industriais, oficinas, matadouros, armazéns, linhas férreas e estações de trem, gasômetros, moinhos e fiações, seja pela falta de critérios de valorização por parte dos órgãos oficiais de preservação - que ainda relutam em conceder valores indiscutíveis a esse tipo de bem - seja pela força da especulação imobiliária que centra sua atenção nas rentáveis áreas hoje centrais que esses bens ocupam, fazem do patrimônio industrial um problema urbano em larga escala (Meneguello, 2011, p.1820).

Nessa incursão para uma definição do que é Patrimônio Industrial, conclui-se que todas essas dimensões estão corretas e que a articulação entre elas seria o que define o Patrimônio Industrial, que pode ser material e imaterial, o que concerne à memória, à materialidade e ao aspecto arquitetônico. Com o objetivo de produzir conhecimento histórico do passado, o Patrimônio Industrial está atravessado por essas três linhas de

argumentos e outras mais, assim como o compromisso político que interliga as linhas de argumentos. Ou seja, o Patrimônio Industrial é tudo aquilo que remete à indústria, ao mais simples vestígio da cultura industrial que perpassou o seu tempo histórico e chegou até o presente. Ainda pensando com a produção de Meneguello, em que há-se uma discussão acerca da preservação, a autora afirma ainda que

Inventários sistemáticos e alicerçados na arquitetura, na história, na arqueologia e também nos interesses afetivos e imateriais que circundam os edifícios podem efetivamente permitir avaliar o valor e o papel que estes bens têm para as comunidades e para além das comunidades, e permitir ou não a sua permanência (Meneguello, 2011, p.1832).

Neste trecho, a autora conclui esse atravessamento do Patrimônio Industrial: a Arquitetura, História, Arqueologia, etc. fazem parte do Patrimônio Industrial e permitem considerar o valor que os mais diversos vestígios industriais têm para as comunidades que são tocados por eles, assim como permitem considerar o que deve permanecer ou não como objeto de vestígio histórico industrial.

No debate acerca da conceituação do Patrimônio Industrial o que nos concerne nesse trabalho está no texto de Meneguello: os interesses afetivos e imateriais que circundam os edifícios industriais. É nesse imbricamento que a História e a Memória entram em contato, considerando as memórias dos trabalhadores, seus afetos e em como essas atribuições podem gerar material e fonte para a produção historiográfica. É nessa batalha, que entra em cena a memória coletiva e social, a disputa pelas memórias e pelas histórias, às quais os trabalhadores fabris foram privados de acessá-las, pautando suas experiências na constituição de uma historiografia da cidade de Sobral no Norte do Ceará.

História e Memória

História e Memória são dois elementos inseparáveis e, ao mesmo tempo, opostos, a utilização da memória como instrumento fundamental da História trouxe, durante os séculos precedentes à *Escola dos Annales* e a chamada *Nova História*, uma historiografia memorialística, com ênfase na identidade nacional e no nacionalismo, excluindo da equação a pluralidade social, étnica, econômica que construiu os Estados-nações, ausentes da escrita histórica.

Com a *Revolução Historiográfica de 1930*, a História das Mentalidades dedicou-se a pensar a função da memória dentro dos estudos históricos e as contribuições que podem gerar uma utilização da memória de maneira crítica. A relação entre História e Memória passou, mais do que nunca, a ser vista como relação de opostos, a História crítica, racional, problematizadora e científica, enquanto a Memória está no campo da vida, da mudança, algo sempre atual, vivida no presente, vulnerável a qualquer tipo de esquecimento e apagamento (Nora, 1993, p.9).

Pierre Nora conceitualiza o que ele chama de *Lugares de Memória* em um intento de preservar a memória coletiva. Esses lugares podem ser tanto físicos quanto de expressões populares, desde que guarde memórias, experiências e identidades. A reflexão de Pierre Nora com os lugares de memória representam uma preocupação cada vez maior com a preservação e o reconhecimento das memórias, levando em conta a globalização e a aceleração do mundo contemporâneo como ameaçador para a Memória e que os lugares de memória seriam responsáveis por resguardar física e simbolicamente as identidades mais diversas exercitadas pela Memória.

Distingue Memória e História. A primeira seria como experiência viva e subjetiva, capaz de sofrer transformações, bem como ser esquecida e passar por crises, como a que sofre no mundo contemporâneo, globalizado.

Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade (Nora, 1993, p.8).

Com o avanço dos diversos tipos de tecnologias, desde a televisão à internet, a aceleração pela qual os sujeitos passam, seus cotidianos e rotinas sendo atravessados pela pressa da contemporaneidade, a Memória entra em risco e, portanto, preservar e resguardar essa Memória torna-se atividade inadiável. A memória coletiva ao correr risco, ameaça o ofício do historiador, sendo ela um processo ativo de identificação entre as comunidades, mas um elemento fundamental para a operação historiográfica. A História, pelo contrário, demanda senso e investigação crítica, capaz de perceber na Memória um artefato valioso para a sua constituição, a História, diferente da Memória, não é vivida no presente, é sempre uma reconstituição do que já passou, por vezes incompleta.

A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p.9).

Segundo Nora, a Memória é sempre suspeita para a História, esta tenta a todo custo tratar aquela com criticidade. Jacques Le Goff apresenta um percurso histórico do que foi e do que é a Memória, desde a *Antiguidade* até o tempo presente, defendendo a utilização desses dois elementos para a constituição de uma historiografia composta de múltiplas temporalidades e que valorize a pluralidade cultural, étnica e social. Nora não dispensa essa possibilidade, mas Le Goff trata-a com o cuidado que é devido quando se aborda algo tão complexo como as memórias e as histórias. Le Goff introduz algo que até aqui pouco se falou diretamente: o esquecimento. Involuntário e voluntário, o esquecimento também é parte constituinte da Memória e ocorre na luta pela Memória, pela História uma política sempre adotada em qualquer tempo histórico por parte daqueles que objetivam tornar-se senhores de seu tempo.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Goff, 1990, p.368).

Percebe-se que se tornar senhores da memória e do esquecimento é tarefa essencial para aqueles que buscam dominar e subjugar os demais sujeitos, o que vemos presentes na constituição historiográfica de nossas comunidades e cidades. Sempre revertidas de um mito de origem, atravessadas pelos grandes heróis e personagens, as produções historiográficas contemplam timidamente, àqueles que foram, intencionalmente, a partir da vitória dos senhores da memória e do esquecimento, esquecidos. É nessa tarefa que o Patrimônio Industrial pode encontrar campo fértil e trabalhar numa (re) constituição da historiografia a partir da memória coletiva das comunidades, sobretudo, em tempos que a Memória está ameaçada, que é preciso preservar e resguardar a partir dos *Lugares de Memória* valorizando a pluralidade e diversidade.

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: ‘Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória’ (Goff, 1990, p.408).

A Memória faz parte de uma luta pelo reconhecimento, pela vida, pela sobrevivência e pelo direito à História e, portanto, o Patrimônio Industrial com seu dever social e político, sobretudo, de ferramenta para o conhecimento do passado, acessa os mais diversos níveis da Memória, seja através das experiências vividas dos trabalhadores aos seus materiais físicos que ajudaram a construir uma cultura industrial e uma cidade desenvolvida.

Patrimônio Industrial de Sobral e a historiografia da cidade

A cidade de Sobral no norte do Ceará, localizada há cerca de 230km da capital Fortaleza, possui uma história centenária, materializada pelo centro histórico tombado desde 1999 pelo *IPHAN*. O centro histórico compreende, aproximadamente, 1.200 imóveis, os casarões dos séculos XVIII, XIX e XX que marcam visualmente a cidade e chamam atenção de turistas e moradores pela robustez e a reminiscência histórica que os espaços trazem. Além dos casarões, a cidade possui igrejas centenárias, de dimensões arquitetônicas impressionantes e que não passam despercebidas aos olhos dos sujeitos. A escrita da história da cidade tem se baseado nos casarões e em seus proprietários, demonstrando a desigualdade socio-econômica e o esquecimento da pluralidade de sujeitos que compõem a cidade.

A cidade de Sobral se formou no século XVIII, às margens do Rio Acaraú, a partir da Fazenda Caiçara, e ainda no século XVIII, ultrapassou seus limites originais. A historiadora Glória Giovana, afirma que Sobral era “espaço privilegiado por sua posição geográfica: entroncamento dos caminhos que levavam os viajantes ao Piauí e Maranhão e proximidade dos portos de Acaraú e Camocim e das serras da Ibiapaba, Meruoca e Jordão” (Pinto, 2023, p.30).

A Fazenda Caiçara tinha como proprietário o Cap. Antônio Rodrigues de Magalhães, o território foi “descoberto” através das expedições colonialistas no Ceará, uma missão de reconhecimento da Ribeira do Acaraú foi intentada em 1697 chefiada por Félix da Cunha Linhares. (ROCHA, 2003, p.26) A narrativa da história de Sobral está baseada nesses fatos e durante o período do século XX, a escrita dessa história foi feita por diversas autoridades da região, entre eles o bispo Dom José Tupinambá da Frota, o Pe. Francisco Sadoc e famílias influentes como a família Mont’Alverne. Contudo, essas personalidades deixaram **vácuos e esquecimentos em suas obras criando uma história memorialística centrada na elite e nos grandes personagens e acontecimentos.**

Ao se pensar a História de Sobral por meio das edificações de igrejas e de casarios constatamos que esta é uma das cidades que, de fato, preserva e desenvolve uma política de educação cultural como uma das marcas das gestões governamentais ao longo dos anos (Sales, 2019, p.107).

Pensar a História de Sobral por meio dos casarões e igrejas leva a considerar que a preservação patrimonial, desde o tombamento pelo *IPHAN* em 1999, tem tido sucesso exemplar para resguardar as memórias desses espaços. Porém, essa História ficou enclausurada somente nos casarões e igrejas, resguardou apenas as memórias de elites que trabalharam para se tornarem senhores da memória e do esquecimento. Vê-se a necessidade da escrita da História de Sobral articulando outros espaços e outras memórias, logo, o Patrimônio Industrial surge como possibilidade concreta para esse trabalho. Desde o final do século XIX, começou-se um processo industrial intenso, a partir da chegada da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano³, responsável por mudar as estruturas sociais, econômicas, espaciais da cidade.

Foi fundada em 1895 por dois sócios, Ernesto Deocleciano de Albuquerque, cearense, nascido em Aracati, mas residindo em Sobral, exportador e beneficiador de algodão, e Cândido José Ribeiro, industrial do ramo Têxtil no Maranhão. A fábrica demorou três anos para ficar pronta, iniciando sua produção com maquinário importado da Inglaterra. Fabricava tecidos de algodão cru, sacos de algodão, redes de dormir de novelo e pluma de algodão (Pinto, 2023, p.33).

Com isso a Revolução Industrial é instaurada na cidade e com isso, a transformação para uma sociedade dentro do campo da industrialização que traz inovações importantes, desde o maquinário importado da Inglaterra ao trabalho fabril e a construção de uma cultura industrial⁴.

Entre os anos 1914 e 1921, outra indústria é instalada em Sobral: a Companhia Industrial de Algodão e Óleo (*CIDAO*). De acordo com Rebeca Pinto “a *CIDAO* vem com o objetivo principal de extrair o Óleo do Algodão, da Mamona e da Oiticica, exportando via porto de Camocim para o exterior, e fazendo, assim com que os produtos fossem valorizados e consumidos em grande escala” (Pinto, 2022, p.38).

Surge, então, a necessidade do escoamento da produção das fábricas e as ferrovias passam a exercer papel fundamental na industrialização, através dos portos de Camocim e Acaraú. O escoamento dos produtos através dos trilhos dos trens torna-se atividade crucial para o desenvolvimento industrial de Sobral e nesta dimensão a revolução industrial de Sobral se concretiza, mudando a estratificação da sociedade. Segundo Pe. Lira “em nossa terra a Revolução Industrial apareceu somente em 1895 quando foi construída a primeira fábrica de tecidos. As máquinas foram todas importadas da Inglaterra, país onde foi iniciada a Revolução Industrial” (Sales, 2012, p. 43. apud. Lira, 1972, p. 10).

O polo industrial de Sobral não se limita apenas a essas duas fábricas. Durante o século XX são instaladas a Usina dos Irmãos Araújo, a Fábrica Santa Emiliania e uma série de pequenas fábricas de bebidas, fumos etc.

³ Documentário produzido pela professora Telma Bessa Sales acerca da Fábrica de Tecidos de Sobral e seu Patrimônio Industrial: https://www.youtube.com/watch?v=EHWM9_c3hHs&ab_channel=EditoraSert%C3%A3oCult

⁴ Documentário produzido pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME), vinculado à Universidade Estadual Vale do Acaraú, sobre a Fábrica de Tecidos de Sobral: <https://www.youtube.com/watch?v=58rUcaRT2rU&t=4s>

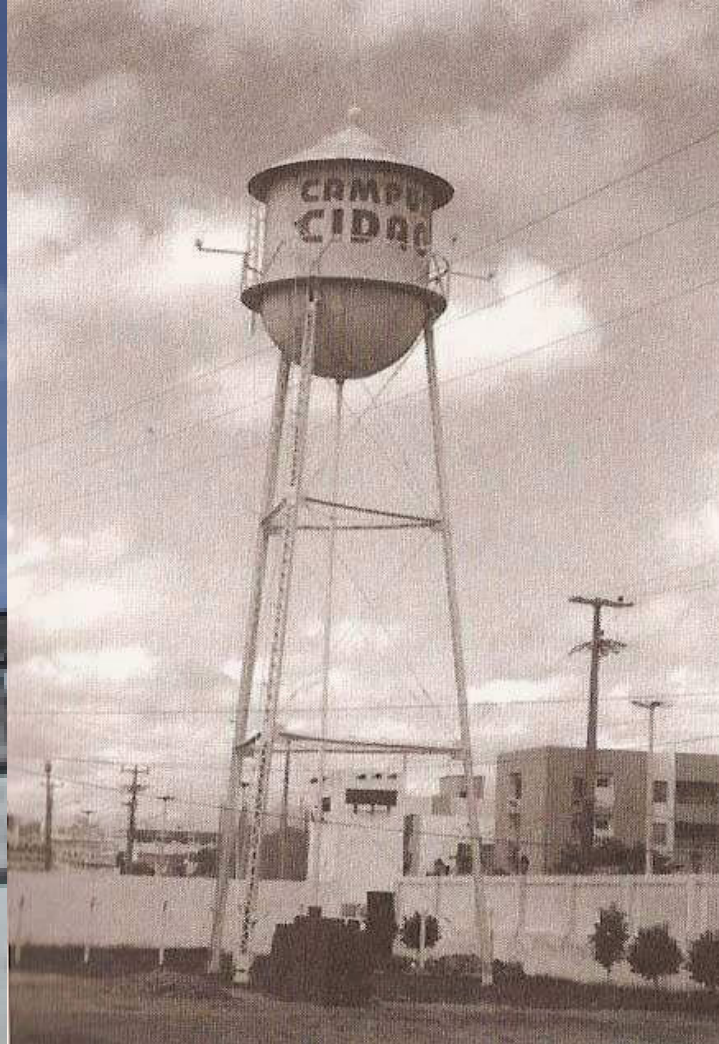


A participação sobralense nesta fase de emergência do setor industrial cearense deu-se, principalmente, através da Fábrica de Tecidos Sobral (1895); a Companhia Industrial de Algodão e Óleos S/A (*CIDAO*) e Companhia de Luz e Força de Sobral (1924), fundada por iniciativa de Oriano Mendes (Rocha, 2003, p.169).

As respectivas fábricas decretaram falência no decorrer do século XX e início do XXI, porém, a memória delas está viva na cidade, muito devido à suas estruturas que continuam no mesmo lugar, mas com outras funcionalidades. A Fábrica de Tecidos abriga o campus da Universidade Federal do Ceará e sua chaminé ainda de pé chama atenção de todos os que por lá passam (Imagem 1⁵ e 2). A *CIDAO* abriga o campus do Instituto Federal do Ceará e o campus de ciências exatas e tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú e chama atenção pela caixa d'água que faz parte de sua identidade visual e continua de pé (Imagem 3).

Essas fábricas, como já dissemos, revolucionaram o espaço urbano de Sobral e abrigam memórias de trabalhadores e trabalhadoras que lá passaram a maior parte do seu tempo de vida, criando relações e laços de identidade através do trabalho e da sociabilidade que o trabalho traz consigo. Hoje, esses espaços passam por um crescente abandono e esquecimento dessa memória coletiva, por isso, a concepção de Pierre Nora dos *Lugares de Memória* torna-se essencial para resguardar esses espaços, assim as ideias de Jacques Le Goff da constituição da historiografia através da memória coletiva.

⁵ https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2013/06_Art06-ErnestoDeocleciano.pdf



Esses trabalhadores e trabalhadoras, provavelmente, enxergaram a fase de desenvolvimento industrial e urbano de Sobral de diversas maneiras, ligando-as às suas memórias coletivas, identificando-se ou não com esse desenvolvimento. Essas pessoas, anônimas e sem grandes linhagens de famílias da elite sobralense contam a história de Sobral de forma diferente da chamada história oficial que lemos e aprendemos. Essa memória coletiva, por vezes, tem suas falhas e seus esquecimentos, assim como suas romantizações e vácuos, mas como afirma Le Goff, a História deve olhar com criticidade para esse âmbito da experiência vivida de diversos sujeitos capazes de contrapor a história da elite, produzida por clérigos, empresários e políticos que, conscientemente, excluíram a pluralidade humana da História.

Há que se verificar em que medida há uma construção elaborada de uma história heroica, ufanista, sem inclusão dos diversos setores que se constituíram e construíram a cidade ao longo do tempo, pois corre-se o risco de excluir sujeitos sociais presentes e atuantes na própria construção da cidade, o que implica uma verdadeira invisibilização das populações pobres (Sales, 2019, p.109).

Não é possível escrever a História de Sobral sem o processo industrial e, consequentemente, sem o seu Patrimônio Industrial e os sujeitos que construíram a cidade e a cultura fabril.

Para o pesquisador vale pensar a cidade considerando uma realidade que é a heterogeneidade dos que compõem a cidade, da pluralidade de visões, discursos e representações sobre esta. Esse olhar unilateral veiculado pelas elites pode ser complementado pelo olhar do outro, de uma forma plural, perceber não só o que as elites veem mas a riqueza da pluralidade dos sujeitos nas diversas temporalidades (Sales, 2019, p.109).



Imagem 4 - Time de futebol formado pelos trabalhadores da Fábrica de Tecidos. Fonte: Acervo Telma Bessa Sales.

Herbert Rocha relata que os trilhos da cidade de Sobral representavam um limite físico entre as pessoas ricas e as pessoas pobres até pelo menos os anos 80.

A estrada de ferro, implantada no final do século XIX, e o rio Acaraú foram os principais fatores físicos responsáveis pelo adensamento da cidade. Os trilhos, até o começo da última década de 80, representavam o limite físico entre a classe dominante e o proletariado. Era pejorativo dizer que alguém morava “depois da linha” ou do “outro lado do rio”, isto é, à margem direita (Rocha, 2003, p.20).

Propõe-se que a História de Sobral seja escrita sem mais esquecer os que são ‘do outro lado do rio’, uma escrita com a inclusão dos sujeitos, sem deixá-los impedidos de exercer seu direito à História e à Memória e os seus *Lugares de Memória* devem ser construídos e resguardados, antes que seja muito tarde.

Vale ainda, demonstrar elementos de sociabilidade do trabalho na fábrica, neste caso a fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano, que segundo as narrativas de antigos trabalhadores, era um espaço de muito suor e trabalho árduo e, ao mesmo tempo, um lugar onde foram felizes. Os filhos participavam das festinhas, o futebol agregava a todos, a fábrica era um lugar onde se sentiam insubstituíveis, pois, ao sinal de qualquer chamado, eles ali estavam a qualquer hora do dia ou da noite para resolver coisas internas do funcionar das máquinas. Os diversos depoimentos demonstram que a memória da vida na fábrica ainda está presente, de maneira única, para cada trabalhador. Eis a narrativa de Luiz Arnóbio sobre as festividades do dia 1º de maio:

E, também, tinha na época do primeiro de maio o torneio do dia do trabalhador que era feito todos os anos, não era? tinha uma disputa de torneio de futebol, ai tinha os troféus que a gente comprava, comprava medalha e o time campeão levava a taça e os artilheiro que fazia os gols levava as medalhas. Tinha o fabril que era o primeiro time da fábrica de tecido, o nome foi fabril. No primeiro de maio era por certo a fábrica da essa confraternização, no primeiro de maio e no final do ano, e a gente se reunia no sindicato; se fosse uma festa maior, procurava um clube (Sales, 2012, p.80).

Nesse relato podemos observar que a experiência vivida, as memórias permanecem com os sujeitos, transformam-se, tem um ar de romance e nostalgia, mas que poderão exercer papel fundamental na historiografia sobralense.

Conclusões

Nesse trabalho, tentamos relacionar o Patrimônio Industrial com os dois principais elementos da historiografia, a História e a Memória, numa busca para a escrita da história através do Patrimônio Industrial e as memórias e experiências vividas dos trabalhadores e trabalhadoras para um diálogo com uma dimensão da História memorialística e elitista presente na cidade de Sobral. A relação entre esses três fatores – Patrimônio Industrial, História e Memória – é um campo fértil para a (re)constituição historiográfica que amplia a visão oficial dos mitos de origens e da memória ufanista e positivista. Com Pierre Nora e Jacques Le Goff, tentamos definir e unir a História e a Memória, para introduzir o Patrimônio Industrial e seus vestígios do campo imaterial e, consequentemente, pensar as possibilidades dessa escrita histórica baseada no Patrimônio Industrial. Atribuindo forte relação entre esses três elementos, podemos refletir e tentar cruzar outros rumos para a História, com um compromisso político e social capaz de resguardar as memórias de pessoas comuns e desconhecidas e evitar o contínuo esquecimento e apagamento desses sujeitos e de sua pluralidade.

Referências

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein. Patrimônio industrial no Brasil. Arq.urb, nº 3, p. 11-22, 2010.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. In: Revista Museologia e Patrimônio, vol.II, nº 22, jan/jun, p., 2009.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. Revista do IEEE América Latina, Brasília, v.4, p.1-10, 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. Arq.urb, [S.l.], n. 3, p. 23–30, 2010.

GOFF, Jacques Le. História e Memória. São Paulo: Unicamp, 1990.

MATOS, Ana Cardoso.; SALES, Telma Bessa.; RODRIGUES, Ronaldo André. Conversando sobre o Patrimônio Industrial e outras histórias. Sobral: Edições UVA, 2018.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis, v.1 p.1819-1834, 2011.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, nº 10, p. 07-28, 1993.

PINTO, Rebeca Lopes. Um olhar sobre o Patrimônio Industrial de Sobral (1980-2010). 2023. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú.

ROCHA, Herbert. O Lado Esquerdo do Rio. São Paulo: Hucitec, 2003.

SALES, Telma Bessa. Patrimônio Industrial de Sobral: vamos falar sobre isso. Revista Historiar, vol. 11, nº. 20, p.101-115, 2019.

SALES, Telma Bessa. Sobral: outros olhares, outras memórias, outras histórias. Sobral: Instituto ECOA, 2012.